



Histórico da videira

Patrícia Coelho de Souza Leão¹
Edson Lustosa de Possídio¹

¹Eng^o Agr^o, M.Sc., Embrapa Semi-Árido, Cx. Postal 23, 56300-970 Petrolina-PE.
e-mail: patricia@cpatsa.embrapa.br
edsonlp@cpatsa.embrapa.br

O cultivo da videira é muito antigo. Vasos sagrados desenterrados em escavações na Turquia, na antiga cidade comercial de Kannish, mostraram que a viticultura era praticada desde a idade do bronze, há cerca de 3.500 anos a.C. A viticultura propagou-se por toda a Ásia Menor e em direção ao Sul, até a Síria e o Egito. Na Grécia, alcançou extraordinário progresso, impregnando sua história, tradições e religiões. Os navegadores fenícios difundiram a videira em Roma, França e entre outros povos mediterrâneos. Em Roma, a viticultura apresentou grande avanço e daí foi difundida por toda a Europa, atingindo as Ilhas da Madeira e Canárias. Os espanhóis, na conquista do continente americano, introduziram a espécie *Vitis vinifera* L., em áreas correspondentes ao México e aos Estados da Califórnia e Arizona, nos Estados Unidos.

No Brasil, a videira foi introduzida em 1532, por Martim Afonso de Souza, na Capitania de São Vicente, e permaneceu sem qualquer importância, no século XVIII e parte do século XIX, quando a cana-de-açúcar e o café monopolizaram todas as atenções. Foi a partir da segunda metade do século XIX que a vitivinicultura brasileira passou a ter importância comercial, com base em variedades americanas labruscas e bourquinas, desenvolvendo-se pólos vitivinícolas em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, impulsionados pelas correntes imigratórias italianas.

No Nordeste brasileiro, a videira já se encontrava presente desde o século XVI, nos Estados da Bahia e Pernambuco, onde alcançou expressão econômica nas ilhas de Itaparica e Itamaracá, respectivamente. Na ilha de Itamaracá foram explorados os mais importantes vinhedos do Brasil, desde sua introdução até a dominação holandesa, por volta de 1636, quando a atividade desfrutava de estímulos econômicos. Do litoral, a viticultura avançou para o interior, até as fronteiras do agreste e sertão. Nas áreas de clima seco do interior Pernambucano e do Nordeste como um todo, a videira encontrou ambiente propício ao seu desenvolvimento, o que pode ser observado nos dias atuais. Todas as castas cultivadas na época eram originárias de Portugal e, portanto, pertenciam à espécie *Vitis vinifera* L. Entretanto, até o final dos anos 40, o cultivo da videira no Nordeste semi-árido brasileiro, mais especificamente no Vale do Submédio São Francisco, não passou de cultura de quintal, em sistema semi-extrativo.

Ainda nessa época, tem-se notícia do polvilhamento do pó de cimento sobre os cachos de uva para evitar doenças. À luz dos conhecimentos atuais, aquela ação pode ter surtido algum efeito fungicida, em função de teores de enxofre contidos no cimento.

A partir da década de 50, com a chegada do técnico português José Cabral de Noronha e Menezes, em 1952, para trabalhar junto à antiga Comissão do Vale do São Francisco, hoje Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), iniciou-se a introdução de práticas de cultivo, como poda racional, desbaste de cachos, controle de doenças e uso de fertilizantes, entre outras.

Souza, Toledo e Clemente (1959), citados por Albuquerque et al. (1987), em relatório elaborado para a Comissão do Vale do São Francisco em 1959, fizeram referências a variedades viníferas, cultivadas em pequenas plantações, como às do Posto de Colonização (Diocese de Petrolina), em Petrolina-PE, Horto Florestal (hoje Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco) e Vale do Rio Salitre, em Juazeiro-BA. Dentre outras variedades, mencionaram Estevão Marinho, Ferral Tinta, Carnaúba, uma equivocada Sabalskankoi, Vermentino do Salitre, Moscatel Rosada e Olivette Noire. Registraram-se, na década de 50, empreendimentos públicos e privados, que funcionaram como embriões da viticultura hoje praticada no Submédio São Francisco.

⁹ No município de Santa Maria da Boa Vista-PE, o espanhol José Molina, com assessoria técnica da Comissão do Vale do São Francisco, iniciou, em 1958, o plantio de uma área de videira que atingiu 10 ha, utilizando as variedades Itália, Ferral Preta, Alphonse Lavallée e Ohanez.

Em 1956, a Cinzano S/A iniciou, em Petrolina-PE, um projeto para 100.000 plantas de híbridos para vinho.

Em Belém do São Francisco-PE, no ano de 1957, o Sr. Milvernes Cruz Lima iniciou um plantio com as variedades Moscato Italiano, Peverella, Trebbiano, Moscatel D'Alexandria, Ferral Preta, Alphonse Lavallée e Alicante Preta.

Em 1958, foram plantadas 5.000 mudas da variedade Itália em terras do Núcleo de Colonização Afonso Ferraz, em Petrolândia-PE.

No Posto de Irrigação de Santa Maria da Boa Vista-PE, pertencente à Comissão do Vale do São Francisco, foi implantada uma coleção de variedades de videira, no ano de 1960.

Outras áreas de plantio existiram no Posto de Colonização, Petrolina-PE, Posto de Irrigação do Rio Salitre, Juazeiro-BA, além de outros empreendimentos.

Com a implantação dos Campos Experimentais de Bebedouro, Petrolina-PE, em 1963, e Mandacaru, Juazeiro-BA, em 1964, pelo convênio SUDENE/FAO, foram iniciados trabalhos experimentais nas mais diversas linhas de pesquisa, que forneceram subsídios técnicos para o sistema de produção de uvas de mesa, posteriormente utilizados pelos projetos pilotos de irrigação (Projeto Piloto de Bebedouro, convênio SUDENE/SUVALE, 1968).

Com a criação, em 1975, do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (Embrapa Semi-Árido) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), os trabalhos de pesquisa com a cultura da videira foram intensificados nos Campos Experimentais de Bebedouro e de Mandacaru e, também, junto à iniciativa privada.

A partir do final da década de 80 e em 1990, iniciou-se uma fase de diversificação da viticultura no Submédio São Francisco, onde os produtores buscaram, com maior interesse, novas alternativas de variedades, tão boas quanto a tradicional variedade 'Itália' e outras variedades vermelhas como a 'Piratininga' e 'Patrícia', e, então, passaram a ser cultivadas comercialmente as variedades Red Globe, Benitaka e, por último, a variedade Brasil, sendo a Benitaka mutação somática natural da variedade Itália, e a Brasil, mutação somática natural da Benitaka. Na década de 1990, observou-se uma grande expansão das áreas cultivadas e o maior aporte tecnológico no setor, com a implantação de muitas fazendas médias e grandes, dotadas de infra-estrutura, de galpões de embalagem climatizados e câmaras frias, que permitiram um grande avanço na qualidade da uva produzida no Submédio São Francisco. Vale ressaltar a maior tecnificação alcançada, também, pelos pequenos produtores dos projetos públicos de irrigação, especialmente dos Projetos de Irrigação Senador Nilo Coelho e de Bebedouro, em Petrolina-PE, e dos Projetos Maniçoba e Curaçá, em Juazeiro-BA e Curaçá-BA, respectivamente. A organização dos pequenos produtores em associações ou cooperativas, como a antiga Cooperativa Agrícola de Cotia, atualmente Cooperativa Agrícola de Juazeiro/CAJ, bem como a Valexport, forneceram os subsídios de logística e marketing necessários à comercialização da uva no mercado externo. No início da década de 90 iniciaram-se as exportações de uva de mesa, sendo que, observa-se uma melhoria de qualidade da uva exportada pelo Submédio São Francisco com a criação, pela VALEXPOR, do Brazilian Grapes Marketing Board (BGMB), em 1992.

1.1. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, T.C.S. de; SOUSA, J.S.I. de; OLIVEIRA, F.Z. de. A expansão da viticultura no Submédio São Francisco. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ENOLOGIA E VITICULTURA, 2.; JORNADA LATINO-AMERICANA DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 2; SIMPÓSIO ANUAL DE VITICULTURA, 2., 1987, Garibaldi, RS. **Anais...** Garibaldi, [s.n.], 1987, p.1-8.